

# A preparação dos padres para lidarem com a situação de morte no Brasil: uma revisão documental e crítica

The preparation of the priests to deal with the death situation in Brazil: a documentary and critical review

*Sergio Lucas Camara\**

*Tiago Gurgel do Vale\*\**

*Marlise Aparecida Bassani\*\*\**

**Resumo:** Na atualidade, encontramos muitos estudos voltados à situação de morte, em várias áreas do conhecimento. Talvez, o interesse atual esteja relacionado às transformações sociais, culturais e tecnológicas das últimas décadas que atingem a vida humana e também a situação de morte. As pesquisas proporcionam avanços na compreensão e na forma de como as ciências abordam concretamente a situação. Nesse contexto, a Igreja Católica é convocada a repensar as orientações aos clérigos para o trabalho específico junto aos que estão morrendo e aos

---

\* Mestre em Teologia pelo Centro Universitário Assunção, mestre em Psicologia (PUC-SP), doutorando em Psicologia Clínica, Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica – PUC/SP. E-mail: sergiolucas40@hotmail.com.

\*\* Doutor em Neurociências pela UNIFESP e doutor em Bioética pelo Ateneo Pontifício Regina Apostolorum - Roma, médico e teólogo, capelão da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo.

\*\*\* Professora Titular da PUC/SP, Coordenadora do Núcleo Configurações Contemporâneas da Clínica Psicológica do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica - PUC/SP.

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

enlutados. A partir dessas considerações, este artigo se propôs a realizar uma revisão documental crítica de como a Igreja Católica considera, em seus documentos oficiais, a preparação dos clérigos para lidar com a situação de morte, com orientações para a prática pastoral no Brasil, a partir do Concílio Vaticano II. Foram selecionados doze documentos, a partir de três critérios: temporal, objetivo dos documentos e tipo de publicação. Todos os documentos foram analisados e suas referências, com relação ao objetivo deste artigo, foram destacadas. O resultado mostra a relevância das formulações teológicas e dos documentos direcionados às práticas rituais, muito embora somente o ritual não garante a boa preparação dos presbíteros. Observa-se uma lacuna quanto a reflexões e orientações específicas para a prática pastoral dos padres. Considera-se ainda que este trabalho deve contar com as contribuições das ciências que muito produzem sobre o assunto.

**Palavras-chave:** padres; formação; morte; Igreja Católica

**Abstract:** At present we find many studies focused on the death situation, in several areas of knowledge. Perhaps the current interest is related to the social, cultural and technological changes of the last decades that reach human life and also the situation of death. Research provides advances in understanding and in the way the sciences concretely address the situation. In this context, the Catholic Church is called to rethink the guidelines to the clerics for the specific work with those who are dying and the mourners. Based on these considerations, this article proposed a critical documentary review of how the Catholic Church considers, in its official documents, the preparation of the clergy to deal with the situation of death, with guidelines for pastoral practice in Brazil, from of the Second Vatican Council. Twelve documents were selected based on three criteria: temporal, objective of the documents and type of publication. All the documents were analyzed and the references they presented with regard to the objective of this article were highlighted. The result shows the relevance of theological formulations and documents directed to ritual practices, but only ritual does not guarantee the good preparation of the presbyters. There is a lack of reflection and specific guidelines for the pastoral practice of parents. It is also considered that this work should count on the contributions of the sciences that produce much on the subject.

**Keywords:** priests; formation; death; Catholic Church

## 1. Introdução

Estudos sobre morte e luto têm se tornado alvo de atenção para diversas áreas do conhecimento. Encontramos hoje, facilmente, publicações que dizem respeito ao assunto com abordagens bastante diversificadas, desde trabalhos que tratam da preparação para a morte até os estudos sobre as consequências da morte para os enlutados. É possível que esse interesse esteja relacionado à forma como na atualidade percebemos a morte em nossas vidas. Houve uma época em que ela, a morte, estava associada basicamente às doenças, idade avançada, guerras e algumas outras representações. Nas últimas décadas, até a imagem da morte mudou. Ela não se apresenta mais como um esqueleto vestido de preto, com uma foice na mão e o homem tenta acreditar na imortalidade<sup>1</sup>. Outras são as representações de ameaça à vida humana, bem como devemos considerar novas causas de morte na atualidade. Se, antes, as pessoas ouviam falar da morte quando alguém próximo morria, atualmente acompanhamos muitas mortes ao redor do mundo e os motivos estão relacionados a inúmeras causas, como a guerra do tráfico, os altos índices de homicídios entre os jovens, as mortes relacionadas às questões de gênero e raça<sup>2</sup>, acidentes com barragens, enchentes, desabamentos, etc. No campo da saúde, o modo como hoje as pessoas vivem, trabalham e se alimentam associa-se ao surgimento de novos diagnósticos que desafiam os avanços da tecnologia. A situação de muitas pessoas gravemente enfermas e hospitalizadas gera calorosas discussões sobre eutanásia, distanásia e ortotanásia. O descaso com o planeta tem como consequência mudanças climáticas associadas a tragédias em vários países. As mortes podem ser acompanhadas no exato momento em que acontecem ou pelas notícias e imagens rapidamente veiculadas, principalmente pela internet. As frequentes notícias sobre morte levam as pessoas a já não se impactarem tanto, exceto em alguns casos. Para lidar com o volume de informações sobre o assunto, as

---

<sup>1</sup> Cf. BAUMAN, O mal-estar na pós-modernidade, p. 201.

<sup>2</sup> <https://nacoesunidas.org/brasil-tem-7a-maior-taxa-de-homicidios-de-jovens-de-todo-o-mundo-aponta-unicef/>. Acesso em 22/04/2019.

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

peças estão desenvolvendo uma rápida capacidade de superação. Do contrário, não dariam conta das notícias seguintes. Esse quadro mostra o quanto a realidade atual está impregnada de situações de morte e, possivelmente, motive a diversidade de abordagens nas pesquisas sobre o assunto. Entretanto, parece que vivemos um paradoxo: a morte hoje está próxima de todos, fortemente presente na nossa realidade, diluída de várias formas, e, ao mesmo tempo, parece que perdemos a capacidade de lidar com ela e vê-la como um acontecimento inerente à vida, como era antigamente, quando as pessoas acompanhavam os momentos finais da vida dos moribundos:

Tratava-se de uma cerimônia pública. O quarto do moribundo transformava-se, então, em lugar público, onde se entrava livremente... Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. Levavam-se as crianças.<sup>3</sup>

Segundo Ariès<sup>4</sup>, a atitude de familiaridade diante da morte prolongou-se até meados do século XIX, quando ocorreu uma revolução brutal no comportamento humano diante da morte. O evento deixou de ser familiar e passou a ser vergonhoso e objeto de interdição, a ponto de as pessoas que cercavam o doente tentarem ocultar dele próprio a gravidade do seu estado. Entretanto, é difícil o moribundo não saber quando seu estado é grave e a morte está próxima, ainda que as pessoas não falem com ele sobre o assunto. Kubler-Ross<sup>5</sup> mostrou que os doentes sabem da gravidade da sua situação e passam por etapas no processo de morrer. Conhecer melhor esse processo ajuda a todos que rodeiam os enfermos a lidar melhor com a situação e, principalmente, permite um olhar diferenciado e acolhedor, pois, se a morte é certa, o mais importante é que os doentes terminais não passem sozinhos por esse processo.

---

<sup>3</sup> ARIÈS, História da morte no Ocidente, p. 37.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 83

<sup>5</sup> KUBLER-ROSS, Sobre a morte e o morrer.

Além dos que estão morrendo, também aqueles que sobrevivem à morte ficam fragilizados e precisam de atenção. No que se refere ao sofrimento pela morte de um ente querido, sabemos que a dor do luto faz parte da vida, assim como a alegria de viver, e essa dor não pode ser ignorada. Devemos ter claro que o luto causa desconforto e pode alterar as funções de uma pessoa, o que faz com que muitos enlutados necessitem de alguém que os ajude a enfrentar a perda e dar conta da própria vida. O luto envolve vários quadros clínicos, caracterizados pelo entorpecimento, saudade, desespero e desorganização, até a recuperação<sup>6</sup>. O luto é uma experiência única e muitas pessoas, quando perdem um ente querido, buscam ajuda. Existem várias formas de oferecer apoio a um enlutado, entre as quais está o suporte religioso. Segundo Parkes:

Os religiosos são, é claro, uma fonte tradicional de apoio para o enlutado e aqueles que se houverem comprometido com a comunidade religiosa geralmente encontram uma boa fonte de apoio espiritual e social (...) Muitos religiosos são capazes de oferecer apoio sem pressionar a pessoa a “voltar à vida”. Também nesse aspecto, ao escolher um religioso com quem se aconselhar, é conveniente buscar informações sobre os que forem recomendados, pois tudo dependerá do interesse e do treinamento que tiveram.<sup>7</sup>

Essas e outras considerações mostram como as investigações estão proporcionando um avanço na forma de como compreender e lidar com a situação de morte. Na realidade brasileira, muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas no campo da psicologia e os resultados beneficiam não apenas as pessoas que passam pelo enfrentamento da situação de morte, como também aqueles que atuam profissionalmente com doentes terminais e pessoas enlutadas. Considerando que se trata de uma situação associada ao sofrimento agudo, desorganização da rotina de vida e, muitas vezes, confusão psicológica, é preciso admitir que aqueles que lidam com a situação de morte necessitam

---

<sup>6</sup> PARKES, Luto, p. 24

<sup>7</sup> Ibidem, p. 214

de preparação específica. Entre outras propostas, Kovács<sup>8</sup> defende não apenas a importância da dignidade do doente no processo de morrer, como também o cuidado que se deve ter para com os cuidadores atuantes nesse processo. Franco<sup>9</sup> direciona o olhar para os enlutados e aponta a necessidade de estudar luto, referindo-se à possibilidade do luto normal ou luto complicado. Entre os aspectos a serem considerados quanto à normalidade ou não do luto, estão as repercussões que o evento tem sobre a saúde do enlutado. Essa autora aponta que as pessoas enlutadas apresentam mais riscos à saúde, se comparadas com as não enlutadas, conforme evidencia a literatura sobre o assunto.

Não restam, portanto, dúvidas quanto à evolução de pesquisas sobre a situação de morte e aos benefícios que esses estudos proporcionam ao saber e à prática de muitos profissionais em nossos dias. Devemos, no entanto, considerar que, assim como os profissionais da área da saúde, também os religiosos, por vezes, estão muito próximos da situação de morte. Na verdade, a morte sempre fez parte do universo da religião. A morte e a ressurreição de Jesus são um dos pilares da fé cristã e a teologia sobre o assunto é de extrema riqueza, beleza e profundidade. Entretanto, as mudanças ocorridas em relação à morte certamente impactaram na maneira como os religiosos atuam nos atendimentos de terminalidade humana. Além do pensamento teológico sobre a morte, é preciso pensar em formas práticas de como enfrentar a situação, bem como no tipo de preparação para o acolhimento das demandas específicas relativas à morte. Da mesma forma que os profissionais de saúde desenvolveram condições mais apropriadas para lidar com a situação de morte, também os clérigos precisam rever suas condições e avaliar como estão preparados para o enfrentamento da situação na atual realidade. A atuação dos profissionais de saúde hoje difere muito do que estava posto há cinco décadas. Isso se deve às pesquisas acadêmicas que construíram diferentes formas de abordagem e continuam buscando aprofundar as investigações e desenvolver novas perspectivas. Diante disso, podemos dizer que a teologia,

---

<sup>8</sup> KOVÁCS, Cuidando do cuidador profissional, p. 71-98.

<sup>9</sup> FRANCO, Por que estudar luto na atualidade?, p. 29.

principalmente no que se refere à *práxis*, vê-se convocada a participar desse movimento de construção do saber e de orientações práticas, para uma melhor atuação dos clérigos em situação de morte. A resposta a essa convocação, no entanto, não pode desconsiderar todo o arcabouço teórico da teologia. Nessa perspectiva, o presente artigo se propôs a realizar uma revisão documental crítica de como a Igreja considera, em seus documentos oficiais, a preparação dos clérigos para lidar com a situação de morte, com orientações para a prática pastoral no Brasil, a partir do Concílio Vaticano II.

## 2. Procedimentos Metodológicos e Análise

O ponto de partida da revisão aqui proposta é o Concílio Vaticano II, por ter sido um evento que produziu significativas mudanças no agir da Igreja<sup>10</sup>. Foram considerados três critérios de seleção para a revisão documental. O **primeiro critério é o temporal** e se limita ao que a Igreja produziu durante e após o Concílio até o ano de 2016. Os documentos publicados antes do Concílio Vaticano II não entram nesta revisão exatamente devido à intenção pastoral do Concílio na perspectiva dos desafios e mudanças sociais à época de sua realização. O **segundo critério refere-se ao objetivo dos documentos**, sendo escolhidos apenas aqueles que tratam da formação dos padres, os que abordam diretamente o processo formativo e a atuação dos ministros ordenados e, ainda, os rituais relacionados à situação de morte. O **terceiro critério diz respeito ao tipo de publicação**, ou seja, foram analisados somente as publicações produzidas pela Igreja Católica, pelo Papa e pelos órgãos governamentais eclesiais. Considerando que o objetivo deste artigo está circunscrito à realidade brasileira, foram incluídos na revisão os documentos produzidos pela CNBB, de acordo com o primeiro e o segundo critérios. A partir desses três critérios, foram selecionados doze referências: 1)

---

<sup>10</sup> É importante destacar o aspecto pastoral no agir da Igreja a partir do Concílio Vaticano II. Nesse contexto, devemos considerar as contribuições de Karl Rahner no impulso à teologia pastoral e os reflexos que tiveram na Igreja da América Latina, que assumiu novas práticas eclesiais e sociais. (Cf. BRIGHENTI, A pastoral dá o que pensar, p. 54-55).

Decreto *Presbyterorum Ordinis*; 2) Decreto *Optatum Totius*; 3) Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Formação dos Sacerdotes “*Pastore Dabo Vobis*”; 4) Instrução “O Presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial”; 5) Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros; 6) Instrução *Ad Resurgendum cum Christo* a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação; 7) O Dom da Vocação Presbiteral – *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*; 8) Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil; 9) Rito da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral; 10) Celebração Exequial após o Velório; 11) Nossa Páscoa: Subsídios para a Celebração da Esperança; 12) Missal Romano. A leitura dos documentos permitiu identificar a forma como a situação de morte é tratada na perspectiva da preparação do clero.

O Concílio Vaticano II produziu dezesseis documentos, abrangendo diversas situações da Igreja, dos quais dois estão mais diretamente relacionados ao objetivo deste trabalho. Após o Concílio, foram produzidos outros documentos relativos à formação dos padres, à assistência aos enfermos e ao que fazer após a morte, alguns desses produzidos no Brasil, conforme seleção acima e apresentação ao longo deste artigo.

É importante ressaltar a dimensão pastoral do Concílio, ou seja, o propósito de não se restringir a formulações teológicas, mas atentar para decisões que dizem respeito diretamente à *práxis* da Igreja. Aliás, o Concílio foi pensado e convocado pelo Papa João XXIII, tendo claramente uma finalidade pastoral. Já na assembleia de abertura, o Pontífice recorda que não se tinha a intenção de repetir algumas discussões doutrinárias sobre o ensinamento já presente na história da Igreja desde os tempos antigos. Havia, portanto, a preocupação de que aquilo que é próprio da fé cristã pudesse dialogar com a sociedade secularizada. A dimensão pastoral permeou os trabalhos conciliares, com a proposta de formulações mais objetivas e assimiláveis, conforme encontramos na introdução geral do Compêndio do Vaticano II.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> O Concílio preocupou-se até mesmo com a linguagem que os documentos deveriam ter: “na expressão e formulação: seja apresentada de modo acessível, assimilável, em linguagem clara, simples,



No Concílio, foi aprovado o Decreto *Presbyterorum Ordinis*, de 1965, sobre o ministério e a vida dos presbíteros. Em seus capítulos, esse documento apresenta uma reflexão sobre o presbiterado na missão da Igreja, sobre os presbíteros no mundo, as tarefas e a vida dos ministros. Encontramos, nesse documento, o alerta para que os padres não se mantenham alheios à existência humana e às condições de vida, como se só precisassem tratar das coisas divinas. Há uma clara preocupação com o anúncio da mensagem cristã, os sacramentos e o cuidado para com as pessoas, individual e coletivamente, na comunidade. Percebe-se aqui que são apontados aspectos que dizem respeito à condição e às necessidades humanas, que poderiam, portanto, ser aprofundados em outros momentos, por exemplo, o sofrimento enfrentado na situação de morte.

Também de 1965, temos o Decreto *Optatam Totius*, sobre a formação sacerdotal. Trata-se de um importante documento utilizado na preparação daqueles a quem serão confiados os seminários de formação de padres. É um documento imprescindível para os formadores. Exatamente por se referir a uma formação humana em diversas culturas, etnias e povos, o documento esclarece, logo no início, a necessidade de adaptação, no sentido de que cada país possa adotar um método peculiar estabelecido pela Conferência Episcopal. Entre os assuntos abordados, estão a organização dos seminários, a formação espiritual e os estudos eclesiais. Chama a atenção à referência à formação pastoral e ao aperfeiçoamento da formação, após o currículo dos estudos. Claramente o documento faz uma distinção entre o conhecimento teórico e a prática pastoral, enfatizando a importância da segunda.<sup>12</sup> Esse Decreto apresenta uma preocupação que se inicia antes da ordenação e se

---

suscetível de ser recebida e compreendida pelos homens de nosso tempo, adaptada à mentalidade moderna. Isto exclui ou obriga a corrigir enunciados demasiadamente abstratos...” (Discurso de abertura do Concílio Vaticano II, Papa João XXIII, Compêndio do Vaticano II, p. 10).

<sup>12</sup> O documento demonstra uma preocupação com a preparação para as atividades pastorais dos candidatos ao sacerdócio. Sem menosprezar a formação intelectual, é necessário que os futuros padres sejam estimulados a um bom desempenho pastoral: “já que os estudantes devem aprender não apenas teórica, mas também praticamente a arte de exercer o apostolado e de agir com responsabilidade própria e em trabalho de equipe, sejam iniciados na prática pastoral já durante o currículo dos estudos e também durante as férias, com oportunos exercícios”. (Decreto *Optatam Totius*, n. 21)

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

estende aos ministros ordenados, ou seja, enfatiza a importância de os padres prosseguirem no aperfeiçoamento da formação sacerdotal, considerando as condições sociais daquele momento. Certamente, essa preocupação se faz necessária ainda mais nos dias atuais, se admitirmos a velocidade das transformações sociais, a partir dos avanços tecnológicos que atingem todas as dimensões da vida humana.

Terminado o Concílio em 1965, sob o pontificado do Papa Paulo VI, os anos seguintes foram de preparação do terreno para assimilar as novas propostas e determinações conciliares. As Igrejas Particulares, de acordo com a realidade local, precisaram de um tempo considerável para absorver e adaptar-se às inovações que se apresentavam. O documento seguinte a tratar diretamente sobre a formação do clero, veio no pontificado do Papa João Paulo II, em 1992, qual seja, a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastore Dabo Vobis*. Essa Exortação também contextualiza a formação nos desafios do momento, uma vez que estávamos na última década do milênio e o processo de transformação já se encontrava num ritmo diferente do que até então era conhecido. É preciso recordar que, entre as mudanças que aconteciam naquele momento, a proposta do seminário já não se parecia com a do período conciliar, principalmente na América Latina. O documento mostra uma clara preocupação da Igreja com a vida, o ministério e a formação dos padres, com o surgimento de novos candidatos e a seriedade com que deve ser tratada essa opção de vida. Percebe-se que, numa dimensão um pouco diferente do documento anterior, a Exortação Apostólica *Pastore Dabo Vobis* expõe a necessidade de consolidar a formação teológica e espiritual dos futuros padres e já não insiste muito na *práxis*, propriamente dita. Entretanto, não deixa de fazer referência à importância da prática pastoral e a coloca em evidência como ciência, ao afirmar que a Teologia Pastoral ou Prática é uma reflexão científica sobre a Igreja no seu edificar-se no cotidiano. Portanto, a pastoral não pode ser compreendida como se fosse apenas um complexo de exortações, experiências ou de métodos.<sup>13</sup> Certamente, o impacto da realidade social já

---

<sup>13</sup> Exortação *Pastore Dabo Vobis*, n. 57.

não podia ser ignorado e convocava o saber teológico a organizar, de forma sistemática, ou melhor, científica, uma disciplina teológica que desse conta dos desafios concretos instalados no campo da evangelização, no cotidiano daqueles que enfrentam a realidade como tal.

Ainda imersos na fase de transição do milênio, dez anos após a Exortação do Papa João Paulo II, a Congregação para o Clero publica, em 2002, a Instrução “O Presbítero, Pastor e Guia da Comunidade Paroquial”. Dessa vez, o documento é direcionado aos padres em geral. São apresentadas reflexões profundas sobre o ministério sacerdotal e sua relação com a paróquia, sendo essa o lugar onde o presbítero tem contato intenso com as pessoas da comunidade e assume variadas funções. O documento não fala especificamente sobre a atuação em situação de morte, embora aponte como sendo dever do pároco administrar o Viático e a Unção dos Enfermos. Colocar em evidência a importância desses ritos é sem dúvida uma grande contribuição que aproxima o padre da situação de fragilidade da vida humana. Falta, no entanto, uma reflexão ou mesmo algumas considerações sobre as condições do próprio presbitério para lidar com essa situação específica. À medida que a morte se ausenta do cotidiano das pessoas e é confinada ao leito do hospital, naturalmente as pessoas se distanciam da experiência de morte e isso implica na dificuldade que alguns indivíduos apresentam para lidar com a situação, entre os quais podem se contar também clérigos.

Além disso, devemos lembrar que o Viático e a Unção estão muito próximos da realidade da morte, mas a pessoa ainda está viva, o que difere de se aproximar de um cadáver. Muitas pessoas que apresentam dificuldade em estar perto de alguém gravemente enfermo também não conseguem, facilmente, aproximar-se de um morto.

Já na atual década, encontramos outro importante documento sobre os padres, qual seja, o Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros, também publicado pela Congregação para o Clero, em 2013. Esse Diretório, assim como o documento anterior, não se dirige especificamente à formação de candidatos, mas, sim, aos padres. Nesse documento, encontram-se instruções sobre a vida de oração, a catequese, o sacramento da eucaristia e da reconciliação e sobre a

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

formação contínua. Aqui se propõe a organização de uma formação permanente e sistemática dos conteúdos, mas sem detalhar temas ou assuntos específicos nesse processo de constante formação. Quanto à alguma referência para lidar com a situação de morte, considerando a enfermidade grave, o velório e as celebrações posteriores, não são oferecidas orientações.

Mais recentemente, no ano de 2016, encontramos duas importantes publicações a respeito do que estamos tratando. Uma delas contém orientações práticas aos fiéis em geral, a outra trata do ministério presbiteral. A Instrução *Ad Resurgendum cum Christo*, a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação, expõe as razões doutrinárias e pastorais sobre a sepultura dos corpos e a cremação e, nesse último caso, fala sobre as cinzas. São apresentadas as razões teológicas da fé cristã católica para preferir a sepultura dos falecidos à cremação. Entretanto, a Igreja não se opõe à cremação e, sendo essa a opção dos fiéis, são oferecidas orientações específicas. Sobre a cremação, o documento ressalta que, antes de tudo, seja respeitado o desejo expresso pela própria pessoa quanto ao que será feito após a sua morte.

Considerando o que acontece na atualidade, apontamos que essa Instrução esclarece muitas dúvidas dos fiéis e clérigos com afirmações importantes. A Igreja defende que a sepultura nos cemitérios corresponde ao devido respeito pelos corpos dos falecidos e favorece a memória e a oração pelos defuntos. Lembra também que existe uma comunhão entre os vivos e os mortos, opondo-se à tendência de esconder ou privatizar o acontecimento da morte e o seu significado para os cristãos. Talvez, o ideal presente no imaginário popular de nossos tempos de vida longa e feliz esteja relacionado à dificuldade de encarar de forma natural a morte. No entanto, os cristãos não podem ignorar que Jesus, morto e ressuscitado, ao aparecer aos discípulos, fez questão de mostrar os sinais da sua morte.<sup>14</sup> A tentativa de negação deve nos fazer pensar nas implicações que isso pode ter para a fé na ressurreição. Também podemos pensar que a opção pela cremação esteja relacionada à dificuldade para lidar com a morte e com o morto.

---

<sup>14</sup> Cf. Lc 24,37-39; Jo 20,25-27.

Em todo caso, a Instrução veio trazer clareza e segurança para que os fiéis se sintam bem, quando optarem pela cremação. No documento, fica clara a orientação de que se realize a Celebração das Exéquias na cremação. Quanto às cinzas, devem ser conservadas em lugar sagrado, que pode ser o cemitério, a igreja ou outro local especialmente dedicado a isso, determinado pela autoridade eclesial. Tal orientação é justificada:

A conservação das cinzas num lugar sagrado pode contribuir para que não se corra o risco de afastar os defuntos da oração e da recordação dos parentes e da comunidade cristã. Por outro lado, deste modo, se evita a possibilidade de esquecimento ou falta de respeito que podem acontecer, sobretudo depois de passar a primeira geração, ou então cair em práticas inconvenientes ou supersticiosas.<sup>15</sup>

Esse documento apresenta orientações tanto para o sepultamento, quanto para a cremação, sendo que, em ambos os casos, deve-se celebrar as Exéquias, a menos que o defunto tenha claramente se manifestado quanto ao desejo de cremação e dispersão das cinzas, por razões contrárias à fé cristã.<sup>16</sup>

Naquele mesmo ano, em dezembro, foi publicado mais um documento sobre os padres, pela Congregação para o Clero, com o título “O Dom da Vocação Presbiteral - *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*”. Esse documento referencia explicitamente os documentos anteriores sobre os presbíteros. Seu conteúdo insiste em um processo de formação integral e progressivo, inicial e permanente, e sugere que as Conferências Episcopais possam preparar, com base nesse texto original, um documento próprio que considere as experiências particulares pertencentes a cada território, caso isso seja oportuno e útil.

Ao tratar da etapa pastoral na formação, há uma clara preocupação com o acompanhamento dos novos padres, devendo-se evitar que eles sejam expostos sozinhos a situações muito delicadas ou impactantes. Deve lhes ser

---

<sup>15</sup> Instrução *Ad Resurgendum cum Christo*, n. 5

<sup>16</sup> Idem, n. 8.

proporcionado um acompanhamento pessoal que os ajude a sustentar suas qualidades, para que possam lidar melhor com os desafios pastorais.<sup>17</sup> Entre esses desafios, lembramos que alguns padres novos se encontram em regiões de grande violência urbana, nas quais chacinas e outros acontecimentos eliminam muitas vidas. Ao lidar com essa situação, certamente o padre acompanhará diferentes formas de reação dos enlutados, inclusive o sentimento de revolta, que pode ser direcionado para Deus e, até mesmo, projetado na figura do sacerdote. Isso faz com que se deva pensar em maneiras de preparar os clérigos para lidarem com a situação, principalmente os mais jovens. A preparação é necessária, pois, mais cedo ou mais tarde, eles serão convocados para um atendimento dessa natureza e se encontrarão sozinhos, entre suas orações e angústias, revestidos da autoridade eclesiástica, diante de pessoas que requerem atenção, pois acreditam que eles tenham plena condição para atendê-las.

A falta de preparação e a imaturidade ministerial e até humana podem resultar em um atendimento inadequado e em um registro insatisfatório, por parte dos familiares do defunto. Nesse sentido, é valorosa a lembrança do documento ao expor claramente a importância de colocar os jovens clérigos ao lado de sacerdotes mais experientes e que se disponham a acompanhar e ajudar os padres novos. Entretanto, o fato de um sacerdote ter muitos anos de ministério não significa necessariamente que ele tenha facilidade para lidar com a situação de morte e, portanto, pouco poderá contribuir na orientação do padre recém-ordenado. Somente poderão oferecer apoio aos jovens padres, os presbíteros mais velhos cujos anos de experiência permitiram um amadurecimento ministerial para lidar com as situações mais complicadas e desafiadoras e, com relação à situação de morte, sejam suficientemente sensíveis ao sofrimento humano e capazes de acolher os que estão morrendo e os que perderam um ente querido.

Além da preocupação com os novos padres, o documento considera que, ao longo dos anos de exercício ministerial, novos desafios surgem e podem ter forte impacto na vida do padre, levando-o a um confronto com seus

---

<sup>17</sup> *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, n. 83.

limites e fraquezas, dependendo das circunstâncias. Torna-se clara a necessidade de uma formação pastoral sólida e ininterrupta para lidar com os novos desafios, organizada de tempos em tempos. Na formação, sempre que for necessário, deve-se contar com as contribuições das ciências humanas, especialmente da psicologia, pedagogia e sociologia.<sup>18</sup> Esse documento faz referência ainda à possibilidade de uma preparação específica, aprofundada em cursos ou institutos especializados. Tais estudos são considerados importantes para a *aquisição de instrumentos e noções que possam servir de apoio a determinadas atividades ministeriais*.<sup>19</sup> Podemos pensar, entre as diversas atividades, a situação de morte, principalmente em nosso tempo, que a reveste de muitas especificidades.

Com relação à psicologia, o documento ressalta a sua importância no processo formativo. Essa referência está diretamente ligada ao acompanhamento daqueles que se preparam para a vida presbiteral, acentuando uma preocupação com possíveis psicopatologias. É bastante significativo que se considere a importância da psicologia no processo formativo, mas que não seja apenas como instrumento para psicodiagnóstico. A ciência psicológica tem muito mais a oferecer, inclusive na preparação humana para lidar com a situação de morte.

Ainda sobre documentos que orientam a formação dos padres, encontramos as Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, que trata especificamente da formação dos padres na realidade brasileira. Essas diretrizes são extremamente relevantes para o trabalho realizado nos seminários e apresentam colaborações dos documentos pontifícios anteriormente citados. O documento fala da multiplicidade de espaços para a formação pastoral, entre os quais se encontram as casas de formação, os espaços de formação intelectual, as paróquias, as pequenas comunidades eclesiais e os “diversos mundos”. Para atuar nos diversos mundos, é necessário sair dos espaços eclesiais e ir ao encontro das pessoas onde elas estão, com

---

<sup>18</sup> Idem, n 120.

<sup>19</sup> Idem, n 181.

novo ardor, novos métodos e novas expressões.<sup>20</sup> O documento deixa clara a necessidade de atualização de padres não apenas nas disciplinas de filosofia e teologia, como também em outras áreas do conhecimento, considerando as dificuldades de atuação dos presbíteros nos tempos atuais, o que exige formação qualificada e até especialização:

A vida e o ministério do presbítero exigem atualização no campo da filosofia e teologia, como também em outros campos do saber. O mundo da ciência e da técnica exige do presbítero uma verdadeira especialização que no seu rigor possa discernir a presença do Verbo, ajudar o homem moderno no confronto com as realidades que o desafiam e nelas dar testemunho do Evangelho.<sup>21</sup>

Além dos documentos que tratam da formação dos padres, consideramos também a forma como a situação de morte é tratada nas orientações rituais específicas para as atividades pastorais junto aos enfermos e quando ocorre a morte. Nesses casos, a Igreja dispõe do Rito da Unção dos Enfermos, da Celebração de Exéquias e da Celebração da Esperança/Missa de Sétimo Dia. Esses materiais são de suma importância ao exercício ministerial nessas ocasiões especiais, pois, ainda que o padre não se sinta preparado para lidar com a situação, o fato de ter a orientação para condução do rito lhe dará alguma segurança para agir de acordo com a especificidade de cada momento. Entretanto, devemos considerar que a orientação para cumprir o rito não garante, por si só, a boa atuação do padre. Caso ele tenha dificuldade para lidar com doentes e velórios, fica difícil prever como procederá o atendimento e é exatamente nessas ocasiões que corremos o risco de não prestar um bom serviço aos fiéis que estão fragilizados nesse momento.

O “Rito da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral” inicia-se, expondo a fundamentação bíblica e a tradição da Igreja, com relação à assistência aos doentes. Na organização da doutrina, encontramos a

<sup>20</sup> Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil, n. 181.

<sup>21</sup> Idem, n. 379.



“Constituição *Sacrosanctum Concilium*”. Compreendia-se antigamente que o sacramento da Unção deveria ser ministrado àqueles que pareciam estar à beira da morte. Por isso, era chamado de sacramento dos agonizantes ou Extrema-Unção. Somente a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja declarou que seria mais acertado chamar de Unção dos Enfermos, uma vez que não é um sacramento apenas para os que já estão morrendo:

A “Extrema Unção”, que também e melhor pode ser chamada “Unção dos Enfermos”, não é um Sacramento só daqueles que estão nas vascas da morte. Portanto, tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença ou idade avançada.<sup>22</sup>

Pelo sacramento da Unção, o enfermo é recomendado a Cristo, seja na perspectiva da recuperação da saúde, seja na perspectiva de falecimento. Com pessoas hospitalizadas, muitas vezes, o pedido para Unção dos Enfermos continua relacionado ao perigo de morte. O Rito prevê que, nas famílias cristãs, haja instrução para que as pessoas, quando em situação de enfermidade grave, possam elas mesmas solicitar a unção e, caso o doente esteja privado dos sentidos, aqueles que o assistem sejam instruídos sobre o sacramento, considerando que esse seria um pedido do próprio doente, se ele pudesse se expressar. Recomenda-se que a pessoa que vai receber esse sacramento possa, se possível, conversar com o padre e busque aliviar-se de alguma culpa. Ao enfermo que pode alimentar-se, seja oferecido o viático, como último alimento para aquele que se prepara para uma longa viagem. Nessas orientações, destacamos como a Igreja expressa sua preocupação em respeitar e preservar a dignidade da pessoa no momento da morte, o que precisa ser atentamente observado e praticado pelos presbíteros na ação pastoral. Com relação aos doentes, a Igreja exorta ainda que os membros da comunidade devem visitar os enfermos, buscando confortá-los e assisti-los em suas necessidades, considerando os vários aspectos de fragilidade que envolvem o adoecimento humano:

---

<sup>22</sup> Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n. 73.

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

A enfermidade pode levar a pessoa à angústia, a fechar-se sobre si mesma e, às vezes, ao desespero e à revolta contra Deus. Mas também pode tornar a pessoa mais madura, ajudá-la a discernir em sua vida o que não é essencial, para voltar-se àquilo que é essencial. Não raro, a doença provoca uma busca de Deus.<sup>23</sup>

Outro rito relacionado à situação de morte é o Ritual de Exéquias. A expressão “Exéquias” é de origem latina e significa as cerimônias que são prestadas aos defuntos, as orações, com as quais a comunidade cristã acompanha e homenageia seus mortos.<sup>24</sup> Esse ritual manifesta uma profunda esperança de que os cristãos incorporados a Cristo, pelo sacramento do Batismo, passem com ele da morte para a vida eterna. O “Ritual de Exéquias” é da Congregação para o Culto Divino e foi traduzido no Brasil em 1971. A versão atual contém acréscimos e foi reeditada em 2003, circulando atualmente com o título “NOSSA PÁSCOA: Subsídios para a celebração da esperança”. O texto mais recente apresenta três modalidades para o velório, celebrações para a encomendação, sepultamento e cremação. Com o Rito das Exéquias, a Igreja realça a presença do Cristo Ressuscitado no momento de dor e sofrimento causados pela morte de um ente querido. A intenção é levar aos enlutados conforto e esperança, bem como a fraternidade e a solidariedade da comunidade religiosa.

As exéquias visam a exprimir também o caráter pascal da morte cristã e anunciam à comunidade reunida a vida eterna<sup>25</sup>, ao mesmo tempo em que expressam o caráter provisório da nossa vida. Além do aspecto teológico, o rito orienta que tudo deve ser feito com muita benevolência, ou seja, que aquele que conduz esteja atento aos sentimentos dos que participam das exéquias. O comportamento, portanto, do padre ou outra pessoa que conduz esse momento torna-se importante, inclusive porque não é fácil aos enlutados, mobilizados pelos sofrimentos da perda, compreenderem o pensamento

---

<sup>23</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 1501.

<sup>24</sup> De acordo com <https://www.dicio.com.br/exequias/>. Acesso em 23/01/2019.

<sup>25</sup> Catecismo da Igreja Católica, n. 1684-1685.

teológico cristão que relaciona a morte à vida eterna. Antigamente, a dimensão pascal caracterizava fortemente as exéquias, mas depois essa dimensão foi deixada de lado e o aspecto trágico e amedrontador da morte sobressaiu-se até o século passado. A partir do Concílio Vaticano II, a Igreja procurou resgatar a índole pascal da morte cristã.<sup>26</sup>

O subsídio atual para as Exéquias é composto de quatro capítulos. O primeiro com três modalidades sobre o velório, o segundo trata da encomendação, o terceiro do sepultamento e o quarto da encomendação no crematório. Contém ainda apêndices com leituras bíblicas e cantos religiosos apropriados à situação. Um detalhe importante é que o texto traz em destaque o rito próprio para exéquias de crianças, pois devemos considerar que a morte de crianças se configura em uma experiência bastante delicada para os genitores e demais familiares, o que requer atenção redobrada e abordagem específica.

O rito está organizado incluindo uma sequência de gestos, palavras e outras orientações, apresentadas de forma cuidadosa e respeitosa, convenientes à situação. Trata-se de um esquema bem definido daquilo que deve ser feito e, não, de uma longa celebração, embora não se deva normalmente apressar o sepultamento ou a cremação. O rito acontece com tempo suficiente para que as pessoas envolvidas possam se apropriar dos sentimentos de uma despedida, tornando possível expressá-los, bem como realizar homenagens ao falecido, sendo importante enfatizar a esperança na ressurreição que é o que marca, particularmente, o aspecto religioso da celebração cristã.

O terceiro ritual associado à situação de morte corresponde às missas pelos fiéis defuntos, entre as quais, a Missa das Exéquias ocupa o primeiro lugar.<sup>27</sup> Contudo, muitos velórios não oferecem condições adequadas a Celebração Eucarística, o que torna a Celebração de Exéquias sem missa mais frequente na realidade brasileira. A Missa de Sétimo Dia acaba sendo a mais procurada pelos fiéis. O rito da celebração, nesse caso, não difere de outras missas, exceto pelas orações e leituras bíblicas que são apropriadas à intenção

---

<sup>26</sup> Constituição *Sacrosanctum Concilium*, n. 81.

<sup>27</sup> Missal Romano, n. 336.

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

da celebração, bem como é conveniente que o padre dirija aos familiares enlutados palavras de conforto, solidariedade e, principalmente, de esperança na vida eterna, conforme já apresentado nos ritos anteriores. A celebração da missa é o centro de toda a vida cristã, na qual se recordam o sacrifício, a morte e a ressurreição de Jesus. Pela fé, os cristãos não apenas assistem a uma liturgia, mas participam dos mistérios celebrados. Sobre a intenção pelos mortos na missa, é importante lembrar o que se encontra no Missal Romano:

A Igreja oferece o sacrifício eucarístico da Páscoa de Cristo pelos defuntos, a fim de que, pela comunhão de todos os membros de Cristo entre si, o que obtém para uns e o socorro espiritual traga aos outros a consolação da esperança.<sup>28</sup>

A celebração pelos defuntos pode acontecer em diversos momentos em referência à morte. Pode ser no velório, no sétimo dia, no trigésimo dia, um ano após o falecimento, nos anos seguintes e também em outros momentos significativos para os enlutados. No Brasil, é comum a celebração de Sétimo Dia. Muitas pessoas que não conseguem comparecer ao velório participam dessa missa. Aos padres, é importante ter clara a necessidade de atenção aos enlutados também após a Missa de Sétimo Dia, pois, somente com a proximidade respeitosa e atenciosa, será possível perceber, nos meses seguintes, os sinais de um luto saudável ou complicado. No caso de pessoas que apresentam dificuldades para lidar com a perda e isso se estende por um tempo longo, a contar pelo menos seis meses após a morte, deve-se fazer indicação para um especialista no tratamento de luto.

### 3. Resultados e discussão da revisão crítica

Já no Concílio Vaticano II, os dois documentos selecionados (*Presbiterorum Ordinis* e *Optatam Totium*) apresentam novidades, como a

---

<sup>28</sup> Idem, n. 335

preocupação em olhar para a existência humana e as condições de vida das pessoas e, não, apenas para as coisas divinas, o que sinaliza um movimento de abertura de uma postura teocêntrica para a uma valorização da antropologia. Quanto à formação, há uma abertura para que as orientações sejam adaptadas à realidade dos diversos países. Também se colocam uma clara distinção entre conhecimento teórico e prático e a indicação de que a formação dos ministros não se encerra na ordenação. Quase trinta anos depois do Concílio, em 1992, outro documento se torna referência na formação dos presbíteros, a Exortação *Pastore Dabo Vobis*, acentuando a formação teológica. Embora esse documento acentue a cientificidade da Teologia Prática ou Pastoral, não insiste muito na prática pastoral na formação do clero.

No início do novo milênio, em 2002, o documento sobre formação preocupa-se com a vida ministerial na paróquia e com as várias funções dos clérigos. Cita a fragilidade da vida humana e a atenção ao Viático e a Unção dos Enfermos, mas não explora como deve ser a atuação dos padres nessa situação. O documento seguinte é destinado ao ministério dos presbíteros e insiste na formação, propondo uma organização sistemática e contínua, mas não faz referência a situação de morte. Em 2016, um novo documento é apresentado. Esse retoma conteúdos dos documentos anteriores, demonstra preocupação com o ministério dos jovens padres frente aos desafios da atualidade e enfatiza a importância da formação pastoral, que deve ser sólida e contar com a contribuição das ciências humanas, citando, entre elas, a psicologia. Nesse mesmo ano, o Papa Francisco publica uma Instrução sobre o sepultamento dos fiéis defuntos e as cinzas após a cremação. As orientações apresentadas nesse documento trouxeram uma luz à forma como os cristãos devem proceder nessa situação e muito ajudam os padres a refletirem e lidarem com a situação dos funerais na realidade contemporânea.

Especificamente no Brasil, consideramos a importância das Diretrizes para a formação apoiadas nos documentos publicados até 2002, pela Santa Sé, mas também respeitando a realidade do país. Destaca-se, nesse documento, a consideração sobre os múltiplos espaços para a formação presbiteral, além dos seminários e faculdades, incluindo os “diversos mundos”. Nesse sentido,

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

chama a atenção à referência ao mundo da saúde, que muito evoluiu nas últimas décadas e é citado no documento. Trata-se de um material que, em sintonia com os documentos pontifícios anteriores, enfatiza a contribuição de outras áreas do conhecimento para a formação dos padres, citando que se deve recorrer à especialização, quando necessário.

Os outros documentos selecionados se aplicam à formação dos padres por apresentarem orientações práticas de ritos apropriados à situação de morte, desde a proximidade da morte, com o adoecimento grave, até as celebrações após a morte. Em se tratando de enfermidade, o ritual considera as condições dos doentes, principalmente quando há sinais de morte próxima. O documento é de grande importância, enfatiza a preocupação da Igreja com os enfermos e apresenta fundamentações bíblicas e teológicas. Da mesma forma, a preocupação com os mortos e os enlutados aparece nos rituais de celebração de Exéquias e missas pelos fiéis defuntos. Esses rituais são enriquecidos também com as fundamentações bíblicas e teológicas, nas quais devemos reconhecer a beleza espiritual das formulações. Destacamos a importância dada aos gestos, conforme apresentam os rituais, pois isso pode ajudar aqueles que os conduzem, lembrando-os da especificidade da situação. Reconhecemos, na verdade, que, embora haja necessidade de preparação dos clérigos para responderem às demandas relativas à situação de morte, os rituais não deixam de oferecer um importante amparo, principalmente aos jovens presbíteros.

#### 4. Considerações Finais

Apresentamos, nesse artigo, uma breve visão de como as pesquisas vêm tratando a situação de morte nos últimos anos. Consideramos aqui a situação de morte compreendida em três momentos: a proximidade da morte pelo adoecimento grave, a morte em si e as consequências da morte para os enlutados. Observamos que a forma como a morte é representada passou por transformações, bem como a maneira como lidamos com o evento em si mesmo. As mudanças sociais, culturais e tecnológicas das últimas décadas

obrigaram as ciências a aprofundarem o saber e as abordagens práticas da situação. Em paralelo a esse movimento no mundo das ciências em geral, a revisão sobre os documentos da Igreja relativos à formação dos padres, desde o Concílio Vaticano II, mostra que o assunto não tem recebido muita atenção no mundo eclesiástico.

A formação dos presbíteros tem se preocupado, e com razão, com os desafios da contemporaneidade, que não são poucos, nem simples. Concordamos que essa preocupação faça sentido e continue buscando superações. No entanto, em meio às mudanças que vêm ocorrendo em todos os campos da vida humana, destacamos aqui a necessidade de preparar melhor os presbíteros para lidarem com a realidade da morte no contexto atual. Por mais que hoje esteja diluída na sociedade, a situação de morte em si continua sendo uma experiência de profundo sofrimento humano. Fazem-se necessários resgatar a dignidade das pessoas que estão morrendo, respeitar e acolher o sofrimento dos enlutados. Parece existir, na atualidade, uma forte tendência à banalização e indiferença para com a situação de morte. O atendimento aos enfermos foi reduzido a atos mecânicos. Em contrapartida, busca-se hoje a humanização no cuidado com os doentes hospitalizados, quando, na verdade, ela, a humanização, é parte indispensável do próprio ato de cuidar. Os mesmos atos mecânicos tendem a se estender ao que é feito após a morte. Os mortos são entregues a cuidados especializados, os maquiadores de defunto entregam à família um corpo enfeitado, com uma máscara de vivo, que tenta esconder os sinais da morte. O tempo dos velórios foi encurtado. Muitas pessoas querem abreviar a experiência com a morte. Em meio a essa realidade, encontram-se os padres, geralmente convocados pelas famílias católicas na situação de morte.

O atendimento dos clérigos na situação é sustentado unicamente pelos rituais organizados pela Igreja, que dão alguma segurança de como devem se comportar e o que devem fazer. Entretanto, mesmo considerando toda a importância e riqueza dos rituais, é necessário se preparar para essa demanda específica, para não correr o risco de esvaziar o ritual com um atendimento reduzido apenas ao que está prescrito, acompanhado dos gestos. Apropriando-se das contribuições das pesquisas sobre a situação de morte, os padres podem

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

ampliar seus conhecimentos, dobrar a atenção em circunstâncias especiais e agir de forma mais adequada em cada atendimento. Tornam-se necessárias orientações pastorais para o atendimento específico em situação de morte, que poderiam ser contempladas tanto nos documentos sobre a formação dos futuros padres, quanto nas instruções aos ministros já ordenados. A esperança escatológica apresentada pela Igreja vai ao encontro dos anseios mais profundos dos homens e mulheres de nosso tempo. A esperança que o mundo busca não está no progresso científico, político ou tecnológico, mas em Jesus Cristo.<sup>29</sup> Mesmo com a abertura dada pelo Concílio Vaticano II, evidencia-se, nos documentos, uma lacuna sobre o assunto.

## Referências

- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. São Paulo: Ediouro, 2001.
- BAUMAN, Zigmund. *O mal-estar na pós-modernidade*. Tradução: Mauro Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BLANK, Renold. *Nosso mundo tem futuro*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. 2.ed. São Paulo: Paulinas; Valencia/ESP: Siquem, 2011.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2004 (reimpressão).
- COMPÊNDIO DO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. 31.ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Brasília: CNBB, 2010.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Celebração exequial após o velório*. 1978.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Nossa páscoa: subsídios para a celebração da esperança*. 2015, 8ª. impressão.

---

<sup>29</sup> BLANK, *Nosso mundo tem futuro*, p. 51.



- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes para a Formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Documentos da CNBB 93, 2010.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução Ad Resurgendum cum Christo a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação*. 2016.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o Ministério e a Vida dos Presbíteros*. Documentos da Igreja. Brasília: CNBB, 2013.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. 2016.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Instrução O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*. 2002.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. 2013.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Rito da unção dos enfermos e sua assistência pastoral*. 1972.
- CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM. In: *Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 31. Ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- DECRETO OPTATAM TOTIUS. In: *Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 31. Ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- DECRETO PRESBYTERORUM ORDINYS. In: *Compêndio do Concílio Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 31. Ed. Petrópolis: Vozes, 2016.
- DICIONÁRIO ONLINE DE LÍNGUA PORTUGUESA. In: <https://www.dicio.com.br/exequias/>. Acesso em 23/01/2019.
- FRANCO, Maria Helena Pereira (Org). Por que estudar luto na atualidade? In: *Formação e rompimento de vínculos – O dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2010.
- KOVÁCS, Maria Júlia. Cuidando do cuidador profissional. In: *Encanto e responsabilidade no cuidado com da vida: lidando com desafios éticos em situações críticas e de final de vida*. São Paulo: Paulinas: Centro Universitário São Camilo, 2011.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. Tradução: Paulo Menezes. 9. ed. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2008.
- MISSAL ROMANO. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

*Sergio Lucas Camara, Tiago Gurgel do Vale, Marlise Ap. Bassani*

NAÇÕES UNIDAS - BRASIL. *Brasil tem sétima maior taxa de homicídio de jovens de todo o mundo, aponta UNICEF*. Publicado em 01/11/2017. Acessado em 22/04/2019.

PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. Tradução: Maria Helena Franco Bromberg. São Paulo: Summus, 1998.

Recebido em: 07/05/2019

Aprovado em: 06/06/2019